

Apresentação

O tudo ou nada da mitologia

“O mito é o nada que é tudo”, diz Fernando Pessoa no poema *Ulisses*, na mitológica *Mensagem*. Viver um cadinho de mitos é a sina da Europa, e também deste puxadinho da Europa que nos tornamos nas Américas, com nossos “olhos gregos, lembrando” (outro verso do mesmo Pessoa em outro poema do mesmo livro). Talvez por isso, ao falarmos em mitologia, surjam como um raio em nossas transplantadas memórias, como Atena da cabeça de Zeus, os heróis e deuses do Olimpo.

Embora seja costumeiro chamar de mitologia o panteão de deuses dos outros, em especial das gentes de antanho (daí as mitologias grega, nórdica e egípcia se aninharem tão bem no termo), não é difícil adivinhar que os mitos mais poderosos sejam os nossos próprios. É justo quando recusamos a chamar o mito de mito, que a lenda (Pessoa, de novo) “... se escorre, a entrar na realidade, e a fecundá-la decorre”. O tempo mitológico (o *logos*, ou seja, a razão, do mito) invade o mundo dos vivos e fabrica os nossos mortos. Ou o mito do progresso (intelec-

tual, tecnológico) não continua derrubando mata, sujando rio e matando gente, centenas de anos depois de ser inventado no Ocidente? E pelo que vemos todo santo dia nas páginas policiais do noticiário, é um mito que o mito da supremacia branca esteja superado entre nós.

O próprio herói, identificado pelos estudiosos como um personagem mítico (ao menos nas culturas domesticadas, como a nossa), foi reembalado em mitos novos em folha pela indústria do entretenimento, e agora não se limita a percorrer seu caminho trágico (como Ulisses), mas ressurge a serviço de Sua Majestade (como James Bond) ou das grandes corporações financeiras (como James Bond) e, em todo caso, reencarnando o macho branco, sabichão e vanglorioso (como Harry Potter). Segundo o mito moderno, tudo deve parecer novo e diferente, desde que permaneça velho e igual. Quando a cultura de massas (que é onde nascem os deuses – a *Teogonia* – nas tribos de hoje) se vê escassa de ideias heroicas, reciclam-se mitologias usadas. Thor, hoje, é capa de revista de moda, Lóki é príncipe das *fake news*, e o Ragnarok não assusta mais as criancinhas em um mundo que está, verdadeiramente, no fim.

George Lucas, o mago de Hollywood, de cuja cabeça divina nasceu *Star Wars*, soube transmutar mitos arcanos em sucesso de mercado. Contratou, como consultor de sua saga numa galáxia muito, muito distante, o estudioso em mitologia comparada Joseph Campbell, que tem no currículo obras como *O herói de mil faces* e *Os mitos pelos quais vivemos* (a primeira edição desse livro – parece até trocadilho – saiu pela Vikings Press). E aqui o enredo se complica (a trama engrossa, como se diz em inglês). Não apenas o mitólogo Campbell teria ajudado o mitógrafo Lucas a parir esses tipos universais, desentranhados do inconsciente coletivo, como essa assessoria especializada tornou-se um mito de direito próprio, justificando a atração de crianças e adultos pelas peripécias do sabre de luz, ou seja, pela violência glamourizada. Ah, mas é o poder do mito! Sim, de fato, do mito.

Há muitos e muitos anos, no tempo em que tudo era divino e maravilhoso, Oduduá desce do mundo espiritual (o *orum*) à terra dos vivos (o *aiê*) e semeia a humanidade em Ilê-Ifé, capital sagrada do universo. À deusa criadora Oduduá, corresponde o guerreiro histórico (e herói lendário) Oduduá, que, mesmo tendo comandado o reino de Ifé por um breve período, é venerado como ancestral de vários reis e reinos do oeste africano, o progenitor da raça iorubá. Desde então (e aqui você pode escolher “desde a deusa” ou “desde o guerreiro”), o *Oni* (o rei) de Ilê-Ifé é o chefe espiritual de toda a iorubalândia, na Nigéria, no Benim e alhures. Desde então, as orgulhosas dinastias terrenas dos obás e as orgulhosas deidades celestiais dos orixás se confundem e fazem, juntas, a cabeça (o *ori*) iorubá.

Com o horror empreendedor do tráfico de carne preta, os orixás desembarcaram, de mãos dadas a milhões de seus devotos, no mundo novo, em especial em Cuba e na cidade da Bahia, “que tem tanta igreja e que tem tanto candomblé”. Aqui pelas Américas, os orixás prosperaram, no mais das vezes em simbiose com santidades cristãs, a fim de driblar as proibições e as censuras da casa-grande. Na *santería* cubana, *Shangó*, o viril senhor dos raios e do fogo, mesclou-se à virgem Santa Bárbara, que, por sua vez, no culto brasileiro, transvirou-se em Iansã (eparrêi, Oiá!), rainha dos ventos e das tempestades. Daí se dizer no popular que “só se lembram de Santa Bárbara quando troveja”. Os orixás cumpriram e ainda cumprem um papel, mítico e político, precioso na diáspora africana. Tal como Bibiana e Belonísia de *Torto Arado*, a ligação espiritual entre os descendentes de escravizados e seus orixás transplantados é uma via de mão dupla: uns dão vez e voz aos outros (no meio de tanta mordação), e uns dão força e vida aos outros, numa terra que se fez de ambos, ou ainda está por se fazer, depois de tanto ebó, suor e sangue ofertados.

Nem todo orixá aceitou se embolar assim promiscuamente com os mitos cristãos, em troca de tão duvidosa aceitação. Exu, logo Exu, o

mago da linguagem e da comunicação, ou talvez por isso mesmo (por saber ler, no contrato com os brancos, umas cláusulas esquisitas nas entrelinhas), recusou dividir sua altiva pessoa, já tão ambígua e plural, com um encosto europeu. Como vingança, os devotos brancos espalharam por aí que o Exu era o próprio capeta (uma espécie de anjo aposentado, na mitologia judaico-cristã), o que nunca impediu esse orixá de continuar a abrir os caminhos para quem merece, e a trancá-los para quem não merece, passar. Não deve ser preciso acrescentar que os critérios de merecimento são estabelecidos pelo próprio Exu, ao sabor de suas volúveis vontades.

E os orixás não foram as únicas forças míticas a cruzar o Atlântico. Os muitos povos bantos (maioria absoluta dos africanos expatriados) trouxeram pro Novo Mundo as suas explicações sobre as origens do Velho. Minas Gerais conhece, talvez desde o século XVII (início do mito do ouro), o ritual do calundu, em que uma preta ou preto de origem banta curava (ainda cura) os doentes com uma mão e um olho melhores que os de muito doutor. Na manhã do dia 12 de agosto de 1743, o Tribunal do Santo Ofício de Lisboa torturou uma calundeira, que praticava seu ofício na cidade de Sabará. Era Luzia Pinta, nascida em Luanda e traficada para o Brasil no início do século XVIII. Após ter seu vestido arrancado, foi amarrada com correias de couro em um estrado de madeira com pontas de ferro. Luzia escapou dessa morte, mas nunca foi inocentada (apesar da escassez de provas e do excesso de convicção) de um “pacto com o demônio”. Foi proibida de retornar a Sabará e condenada a quatro anos de degredo no Algarve.

A história de Luzia ilustra uma lenda poderosa no Brasil, tão antiga quanto este país, e que está longe de ser ampla e irrestritamente desmistificada: fora da instrução formal, do saber oficial, no seio do populacho mais pobre e mais carente da douda educação, reinam as credices e as superstições. É o mito profundo que relega à ignorância e ao delírio popular, às vezes debaixo de bruta repressão, a religiosida-

de, a fé e, na mesma baciada, a sabedoria e a ciência populares, ora em nome dos dogmas oficiais, ora da racionalidade e da luz civilizatória. Até gente reconhecidamente sabida, versada nas artes populares, já acendeu sua vela no altar dessa mitologia pedante. Monteiro Lobato, por exemplo, tão merecidamente cultuado entre nós, nunca entendeu ou respeitou intelectualmente sua própria personagem Tia Nastácia, que, por nenhuma coincidência, cumpre o papel de serviçal alforriada. Inculta, tacanha, simplória, crédula em assombração e em mau-olhado, riem da preta velha os ilustrados personagens do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, como a boneca de pano, o sabugo de milho e o anjinho da asa quebrada (o que é pura invencionice, pois, como bem sabe a ciência, asas de anjo não se quebram).

Não ficaria bem falar, ainda que brevemente, da mitologia (da sabedoria dos mitos), ou seria só uma meia verdade se assim o fizéssemos, deixando de mencionar dois usos bastante disseminados, e até bastante em voga, nos tempos atuais, do mito: o extraordinário e o mentiroso. No primeiro caso, o mito aponta para o que é único e digno de admiração, o *hors-concours*. As crianças bem o sabem, quando dizem de boca cheia que, por exemplo, um certo Pokémon é “lendário”. Mas nós, adultos (há crianças na sala?), também pagamos romaria para nossos mitos. Há um rei Pelé, um rei Roberto e, de volta às crianças, até uma rainha dos baixinhos. É justamente em casos assim que nos aproximamos perigosamente do segundo uso do mito e entramos no reino da mais deslavada mentira, pois, ao cultuarmos um mito, não raro nos entorpecemos e nos deixamos manipular pelo mito cultuado. O mito é o ópio do povo, parafraseando o velho Marx. Ou, como dizia Padre Vieira, se é para amar os homens (“a humanidade”, em nosso vocabulário menos sexista), melhor tomar o exemplo de Jesus, que os amava conhecendo os seus piores defeitos. Trocando em miúdos, seja devoto, mas não (necessariamente) dê voto.

O que une as muitas e plurais mitologias – as que engendram os deuses e as cosmologias dos mais variados povos, as que criam os heróis e os arquétipos, as que nos fazem crer no mercado, na competição e no progresso, as manifestações da fé e da religiosidade (o rito sempre anda de braços dados ao mito), as sabedorias e as ciências, a devoção ao maravilhoso, ao exclusivo e ao fabuloso e, no limite, ao mentiroso (a diferença não é tão sutil assim – mentira é tudo o que sabemos, em nossos corações, que não é o caso) – é que os mitos são uma trama que fabricamos para nós mesmos. É a rede que tecemos e a rede em que nos balançamos. Por isso é bom prestar mais atenção em alguns mitos. E menos em outros.

Entre alguns povos guaranis, a busca da chamada Terra sem Mal (*yvy marã e'ỹ*) marca seus modos de vida e suas concepções de mundo, desde as atividades mais comezinhas aos ritos mais elaborados. A Terra sem Mal é um mundo intocado pela violência e pelas mazelas mundanas, onde reina para sempre o *teko porã* (o bom proceder), e ao mal, em todas as suas formas, simplesmente não é permitido existir. As grandes migrações guaranis já se desenrolavam antes da colonização europeia, e se discute muito se elas teriam alguma relação (de causa ou de efeito) com essa inspiração divina, mítica e mística de um lugar prometido, maravilhoso e situado além do tempo. Mas a hecatombe de fato caiu sobre essas e outras gentes ameríndias, na forma da chegada dos brancos. Trombando nas cercas e nas propriedades privadas, nas matas depauperadas, nos bichos sumidos e nos rios poluídos em sua jornada, os Guaranis reencenam a mitologia da boa terra como uma motivação para lutar e retomar o bom tempo. O tempo mitológico torna-se necessário, urgente, a própria possibilidade de um futuro dada as agruras do presente.

Não há palavras para descrever o longo inventário de perdas sofridas, na alma e na carne, que foi o choque ainda em curso com o empreendimento transatlântico europeu. Mas há os mitos. Assim como

os Guarani, centenas de povos indígenas reencontram nas suas cosmologias a explicação para o assombro de um fim do mundo interminável. E a conclusão não é (como poderia ser?) sempre otimista. Davi Kopenawa, xamã yanomami, nos alerta como os espíritos *xapiri* “que descem da montanha para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe”. Os xamãs não poderão mais chamar esses espíritos, e esses não vão mais poder dançar para nos proteger das epidemias que nos devoram (parece mesmo fabuloso esse alerta?). E se continuarmos queimando o mundo, quando não mais existirmos os vivos para contar nossos mitos, não haverá mais como sustentar o céu, e “ele vai desabar”, diz, creia ou não, o xamã Davi Kopenawa.

Jonas, que teimou em não ir a Nínive, acabou engolido por uma baleia (ou leviatã, em algumas traduções bíblicas) e o capitão Ahab, tomado pela mesma insanidade, a fatídica loucura da desobediência ao bom-senso, terminou seus dias destroçado pelo mesmo leviatã que perseguia. Que possamos escolher sabiamente nossas mitologias. Parece que não é nada e, no fim do dia, é tudo o que importa.

Belo Horizonte, setembro de 2022
Arthur Vianna e Beto Vianna